

ENSAIO VISUAL | *VISUAL ESSAY*

**REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS PRÁTICAS CERÂMICAS NA  
COMUNIDADE DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS EM VITÓRIA – ES**

***PHOTOGRAPHIC RECORD OF THE CERAMIC PRACTICES IN THE  
PANELEIRAS COMMUNITY IN GOIABEIRAS, VITÓRIA – ES***

Rúbia de Almeida Silva<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal de Pelotas. Mestra em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia. E-mail: [rubiadealmeida@gmail.com](mailto:rubiadealmeida@gmail.com)

## RESUMO

O presente ensaio visual é resultado da minha pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “A persistência de práticas cerâmicas do período pré-colonial ao presente: a Cadeia Operatória das panelas de barro de Goiabeiras em Vitória – ES” (SILVA, 2023). Os registros fotográficos apresentados foram feitos nos locais utilizados pelas Paneleiras para confecção dos vasilhames cerâmicos de Goiabeiras. Há uma longa trajetória de práticas cerâmicas na região que remete às interações indígenas, africanas e europeias por cinco séculos. São relações que deixaram suas marcas nos processos de apropriação e transformação que definiram a Cerâmica de Goiabeiras.

## PALAVRAS-CHAVE

paneleiras de goiabeiras, arqueologia da persistência, saber-fazer, etnoarqueologia.

---

## ABSTRACT

This visual essay is the result of my master's thesis research entitled 'The Persistence of Ceramic Practices from the Pre-Colonial Period to the Present: The Operative Chain of the Clay Pots of Goiabeiras in Vitória - ES' (SILVA, 2023). The photographic records presented were made in the locations used by the Paneleiras for the manufacture of the ceramic vessels of Goiabeiras. There is a long trajectory of ceramic practices in the region that refers to indigenous, African, and European interactions over five centuries. These are relationships that have left their marks on the processes of appropriation and transformation that defined Goiabeiras Ceramics.

## KEYWORDS

Goiabeiras pottery, archaeology of persistency, know-how, ethnoarchaeology.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Rúbia de Almeida. Registro fotográfico das práticas cerâmicas na comunidade das paneleiras de Goiabeiras em Vitória – ES. Cadernos do Lepaarq, v. XX, n.40, p.324-333, Jul-Dez. 2023.



Valdinéia da Victoria Lucidato açoitando tampas

O presente ensaio visual é resultado da minha pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “A persistência de práticas cerâmicas do período pré-colonial ao presente: a Cadeia Operatória das panelas de barro de Goiabeiras em Vitória – ES” (SILVA, 2023). Os registros fotográficos apresentados foram feitos nos locais utilizados pelas Paneleiras para confecção dos vasilhames cerâmicos de Goiabeiras. Há uma longa trajetória de práticas cerâmicas na região que remete às interações indígenas, africanas e europeias por cinco séculos. São relações que deixaram suas marcas nos processos de apropriação e transformação que definiram a Cerâmica de Goiabeiras.

Embora existam outras comunidades ceramistas no Espírito Santo, o modo de fazer e a ancestralidade das práticas cerâmicas no bairro de Goiabeiras em Vitória, fez com que no ano de 2002 este ofício inaugurasse o Livro de Registro dos Saberes pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A pesquisa identificou transformações na produção das panelas de barro de Goiabeiras ao longo do tempo. Foi analisado o contexto sociocultural das Paneleiras, incluindo a adoção de novas práticas a partir do contato com outras comunidades ceramistas e a influência dos consumidores e do turismo da região. A partir da combinação de dados etnográficos com os dados arqueológicos presentes na literatura, foi possível aprofundar a compreensão da persistência dessas práticas cerâmicas em Goiabeiras.

Apesar de existirem inúmeros registros visuais e audiovisuais, principalmente no campo da Antropologia, faltava um olhar da arqueologia para as práticas cerâmicas das Paneleiras de Goiabeiras. Este olhar arqueológico, parcialmente apresentado aqui, é conduzido através do registro das etapas da Cadeia Operatória. As fotografias foram realizadas entre os anos de 2021 e 2023, no entanto, é possível perceber gestos e técnicas que remontam a alguns séculos e que estão difundidos geograficamente, como no litoral paulista e paranaense, conforme apresentado no trabalho de Sallum, Noelli e Koffler neste mesmo volume e na obra de Herta Scheuer (1976) e Noelli e Sallum (2019).

Todas as fotografias são inéditas e foram registradas pela autora.



Aquisição de matéria-prima no barreiro localizado no Vale do Mulembá por Ronaldo Alves Correa



Início da modelagem manual por Luci Barbosa Sales.



Alisamento da face interna com coité por Luci Barbosa Sales.



Acabamento da borda com os dedos pela Paneleira Rejane Correa Loureiro



Inserção da alça na tampa por Eronildes Correa Menezes



Virando a panela: acabamento após a primeira secagem por Jecilene Correa Fernandes



Execução da etapa de polimento a fim de uniformizar a superfície



O casqueiro Eraldinho em frente ao mangue-vermelho antes de iniciar a extração da casca para confecção da tintura de tanino





Organização da fogueira para queima dos vasilhames



Evanilda Fernandes Correa retirando o vasilhame já queimado da fogueira.



Tratamento de superfície pós-queima executado através do açoite com a muxinga pela Paneleira Evanilda Fernandes Correa

Agradecimentos: à Associação das Paneleiras de Goiabeiras (APG) por ter me recebido de maneira tão afetuosa e permitido que eu pudesse realizar a minha pesquisa. Agradeço ao Ronaldo, por ter me permitido acompanhá-lo na extração do barro; ao Eraldinho, por ter me levado até o mangue para acompanhar a extração da casca da árvore; à Berenicia, pela paciência e dedicação ao me ensinar o processo de modelagem; à Jecilene pela permissão, enquanto presidenta da Associação, para que eu transitasse pelo galpão para executar a pesquisa; à Rejane, pelas informações repassadas e por toda disponibilidade em ajudar; ao Evandro e ao Jorge, por me auxiliarem na fogueira e no açoite; à Valdineia, Luci, Evanilda e Eronildes pelas longas conversas durante o tempo em que passei no galpão; à Eonete e à Janete, por me ensinarem a alisar a panela e me acompanharem no processo. Ao meu orientador, Cláudio Baptista Carle, pelo conhecimento compartilhado e dedicação em me guiar durante todo o processo para o desenvolvimento deste trabalho. À Marianne Sallum pelo auxílio prestado e pelas estimulantes discussões durante processo de elaboração da minha dissertação.

## REFERÊNCIAS

- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê IPHAN 3. Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, Brasília, DF, Iphan, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=724>
- NOELLI, F.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. *Mana* 25 (3), 2019: 701-742. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p701>.
- SCHEUER, Herta L. Estudo de um núcleo de cerâmica popular. *Arquivos do Museu Paranaense* 1, Curitiba, 1967.
- SILVA, Rúbia de Almeida. A persistência de práticas cerâmicas do período pré-colonial ao presente: a Cadeia Operatória das panelas de barro de Goiabeiras em Vitória - ES. Dissertação (Mestrado em Antropologia com Área de Concentração em Arqueologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.